Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 03.12.2017

SÍNDROME DE DEUS: A PERVERSÃO COMO EXPRESSÃO DO DIVINO ENCARNADO

2017

Higor Ferreira da Silva
Estudante de graduação em psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), Brasil

Contato:
gui2490@hotmail.com

RESUMO

O ser humano desde a antiguidade e construção de sua espécie, tem percebido suas limitações, por não poder alcançar o gozo pleno de seus desejos. Por consequência destes fatores, idealiza-se um ser sobrenatural, dotado de onipotência. A criatura, espelha-se como imagem e semelhança do criador, ao mesmo tempo que tenta transcendê-lo, posicionando-se inconscientemente como tal. Este ser na fé judaico-cristã, que aqui será abordado, é nomeado de Deus. A Síndrome de Deus, trata-se da tentativa do sujeito em incorporar a personalidade de Deus, colocando-se na busca plena do seu gozo. Na tentativa de transcender a Deus, o homem busca a possibilidade de ser o detentor do seu próprio desejo e completude, implantando uma nova ordem regida pelo seu principio de prazer, descartando o principio de realidade. Na psicanálise, esses sujeitos são classificados dentro de um perfil de personalidade perversa. Este estudo, surgiu mediante questionamentos dos comportamentos contemporâneos, poucos explorados, juntamente com a afinidade pela temática, que aqui será abordada no viés psicanalítico, assim objetivando explicar a síndrome de Deus como uma expressão da personalidade perversa. Para este fim, utilizou-se da pesquisa qualitativa mediante o método bibliográfico. A partir disso pode-se ampliar o campo da psicologia com esta temática, fornecendo subsídios, onde houve contribuições não apenas para ciência, mas também para a sociedade que desconhece o assunto.

Palavras-chave: Gozo, perversão, síndrome de Deus, transcender.

Copyright © 2017.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

INTRODUÇÃO

A palavra Deus, advinda da fé judaico-cristã, subentende uma força maior da dimensão divina, que criou os seres humanos e incumbiu a estes a finalidade de preservar o mundo, de forma a cuidarem uns dos outros. Este ser possui uma historia marcada por uma mitologia cristã, que até hoje reflete grandemente suas influencias na sociedade contemporânea, apresentando-se de formas e interpretações diferentes, de acordo com cada sujeito. Os seres humanos assim, são criaturas criadas a imagem e semelhança de Deus. Como criaturas, logo devem-lhe fidelidade e obediência. Porém, quando esse papeis se invertem, o homem acaba transcendendo a figura de Deus, consequentemente exigirá ser tratado como tal, se colocando como figura a exceção das leis e normas sociais.

O homem como imagem de Deus, nos traz a idealização, do humano como aquele que domina sobre todas as criaturas da terra. Quando este posiciona-se dessa forma, retira-se da categorização de criatura, já que este também foi criado por Deus. Os humanos, se colocam como preferidos de Deus, por terem o dom da racionalidade, que os permite transcende-lo e transgredi-lo. Pensemos na palavra transcender não somente como a visão de Deus em relação a sua criação, mas no sentido da sua criação para com Deus, que mediante o principio de prazer (id), e a recusa do principio de realidade (superego), chega a ultrapassar a Deus, se colocando como tal, e incorporando uma nova ordem, de acordo com a sua postura que busca o principio do prazer, a fim de ultrapassar o limite do gozo, sem possibilidade de culpa ou angustia. Decorrente destes fatores o sujeito constrói-se dentro de um quadro sintomático denominado síndrome de Deus. Esta caracterizada por uma alta elevação do sujeito, quanto sua postura e poder, uma forma de complexo de superioridade, que coloca os sujeitos num posicionamento de divindade, um ser inquestionável, incontestável, que está acima de tudo e de todos.

A síndrome de Deus neste estudo será pontuada como uma expressão da personalidade perversa, esta como pontua a psicanalise, é uma forma sintomática de colocar-se no mundo. A psicanalise diz que somos sujeitos faltantes, e isso que instaura o desejo, este regido pelo principio do prazer (id), que é frustrado ao se depara com o principio de realidade e exigências sociais/leis (superego), o ego, o terceiro dessas forças, estabelece a função de mediar esse conflito, entre essas forças antagônicas, satisfazendo parcialmente o desejo, mediante as consequências que se colocam

no principio de realidade. Na perversão, o ego negocia essas exigências, deixando o espaço livre para o id, o sujeito nessa condição "torna-se" o seu próprio superego, um principio do eu, no sentido de colocar-se como aquele que tem o falo (poder), instaurando uma nova ordem transcendente, fazendo com que o superego social (principio de realidade) perca o sentido.

Este estudo possui a finalidade de explicar a síndrome de Deus como uma expressão da personalidade perversa, com o intuito de despertar nos leitores o senso critico, quanto essa postura que gradativamente se aloja na sociedade, possibilitando identificar e compreende-la quanto processo constitutivo, ou seja, como uma forma dentre tantas outras de se colocar no mundo. Este referencial construiu-se a partir dos fatores supracitados, que elegeram questionamentos sobre a temática, e a necessidade de se explorar o conteúdo, obstante pouco discutido, além disso, pela afinidade particular pela temática. Durante esse referencial, será reconstruído a representação de Deus, levando em consideração uma visão judaico-cristã, e a influencia que este mantem na sociedade ate os dias atuais, mostrando de que forma o ser humano veio a transcender a imagem de Deus, tornando-se como tal. Esses fatores anteriormente citados, serão explorados a luz da perspectiva psicanalítica, elegendo a perversão, atribuindo-lhe uma relação de causalidade dos fatores inconscientes implicados na síndrome de Deus.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Representação de Deus para sociedade.

Os Deuses são estudados e representados por suas mitologias, estas definidas como um conjunto de mitos. Mito vem do grego e significa 'narrativa contada'. Eles buscam descrever e explicar vivências da vida, através do sobrenatural, construindo explicações acerca da origem do mundo, do homem e das coisas. Estes possuem símbolos e significados próprios de acordo com a cultura e civilização onde se localiza de uma forma geral buscando interpretar a existência. As narrativas mitológicas envolvem hipóteses de acontecimentos primordiais que marcam a conduta humana até hoje, que ocorreram antes mesmo da existência humana, como os deuses. Entretanto, seu foco está na mediação do que é profano e sagrado, mostrando acontecimentos marcantes que deem sentido para o mundo, por exemplo, seres sobrenaturais ou heróis que podem executar proezas extraordinárias. Na cultura, o mito é utilizado para o desenvolvimento singular e coletivo. A capacidade sistemática destas narrativas possui a finalidade de gerarem padrões comportamentais, que priorizem a evolução psicossocial, pautados em padrões adequados de comportamentos, como por exemplo, um herói mitológico, com a função de sinalizar ao indivíduo um comportamento adequado ou corrigindo o sujeito na perspectiva de sua totalidade. Sendo assim, o mito possibilita ao sujeito rever seus comportamentos não apropriados, e remodelar suas posturas (Rezende, 2015).

Os mitos por serem narrativas, pressupõem a interpretação singular, e posteriormente representações diferentes do simbolismo apresentado. Representar, não inclui repetições, do escrito ou sugerido pelo autor (gestos, posturas, entonação). Porém, vivenciar o personagem, tornar-se parte da encenação, deslocando-se para outro modo de ser. Portanto, representar supõe autor (criador) e ator (criação) em diferentes posições. Porém num diálogo: um fala ao escrever o texto. O outro responde encenando o texto. Há inversão de posições e distância entre uma ação e outra (Massih, 2017). Vejamos um trecho bíblico do mito de Adão e Eva no jardim do Éden:

> [...] E o SENHOR deu ao homem a seguinte ordem: Você pode comer as frutas de qualquer arvore do jardim, menos da arvore que dá o conhecimento do bem e do mal. Não coma a fruta dessa arvore; pois, no dia em que você a comer, certamente morrerá [...] (Gn 2,16). [...] A mulher viu que a arvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter entendimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, e ele também comeu [...] (Gn 3,6). [...] Nesse momento os olhos dos dois se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Então costuraram umas folhas de figueira para usar como tangas [...] (Gn 3,7) (Bíblia do adolescente, 2014).

Claramente no mito supracitado, é visto que o transcender (ir para além de) e transgredir (denegar a ordem de), envolvem no entanto, colocar-se numa situação de risco (morte) surgindo a reflexão sobre o gozo imediato ("como seria bom ter entendimento") e as consequências desse gozo (castigo), o prazer e ao mesmo tempo o desprazer. Transcender implica uma nova visão do fenômeno posto, mas para isso seria necessário transgredir. O ser humano é livre, mas ao mesmo tempo deve ser responsável pela sua liberdade e escolhas, mesmo sem possuir o entendimento para pensa-las, Deus os pôs de frente, sobre as consequências. Um importante dado, que passa despercebido nesse mito, é que o maior pecado, como nomeia o cristianismo, talvez não tenha sido o fato de desobedecer (ação), pois isso é o resultado de uma intenção/motivação. Pois bem, por que não priorizar a inveja nesse caso. Para isso, vale ressaltar que embora os seres humanos fossem livres para suas escolhas, somente Deus teria o conhecimento do bem e do mal, e assim só restaria aos humanos desejar ser igual a ele, afinal Deus os criou imagem e semelhança.

Na filosofia Judaico-cristã o ser humano por ser imagem e semelhança de Deus desfruta de uma superioridade criatural que o põem numa relação de domínio tirânico com as criaturas (Gn 1,28: "Sede fecundos, multiplicai-vos enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes"). A capacidade do domínio humano sobre o mundo seria uma ordem divina. Como se Deus houvesse criado o ser humano com uma vocação para dominar as demais criaturas. Logo a categoria "imagem de Deus" seria sinônima de dominação. O mundo ficaria a mercê do desejo tirânico do

ser humano. Mediante a sua racionalidade, o ser humano é o senhor de todas as coisas, poderia sem duvidas utilizar das demais criaturas para suas necessidades. É como se somente os humano tivessem o direito de sobrevivência pelo qual poderia sacrificar as demais criaturas, não respeitasse o direito de cidadania criacional das outras criaturas. O ser humano como imagem de Deus já existia nas culturas mesopotâmicas, no antigo Egito, onde o Faraó era considerado pelas pessoas o rosto visível representante do reflexo de Deus na terra. O Faraó, de acordo com o antigo pensamento representativo oriental, era presente e representado nas estátuas que eram erguidas nas províncias de seu reino. O Faraó era idealizado como um porta-voz de Deus na terra, onde as honras atribuídas à figura política do Faraó eram honras prestadas a Deus (Oliveira, 2013).

Os conceitos de criatura supracitados, ao mesmo tempo em que são postos para se referir a todo tipo de criação advinda de Deus, coloca os seres humanos numa categoria especial (Deus das demais criaturas), como se este já não fosse uma. O ser humano dessa forma passa a distorcer a regra divina, a fim de preservar a sua integridade de dominador. Falar de criatura, implica o ser humano, e por que não falar do domínio deste sobre os outros de sua espécie. As formas de domínio do ser humano para com as criaturas, possuem a mesma finalidade suprir uma necessidade, independente se for uma criatura da mesma ou de outra espécie. Enquanto o ser humano se utiliza de um peixe, para alimentar-se, se utiliza simplesmente de outro humano, para controle e manipulação, a fim de saciar a fome inesgotável do seu Ego. A segunda forma de dominação, é muito presente nos dias atuais, é algo bem notável e direto, mas ainda se coloca de maneira camuflada.

O ser humano em sua construção é produto da terra, consequentemente expressa, sua fragilidade e dependência ao seu criador. O homem, no sentido do existir, é frágil e quebradiço, como um objeto feito de barro. Sua fragilidade representa seus limites, suas imperfeições e sua exposição a transgressão, por outro lado, em que deve ou deveria mostrar fidelidade e obediência ao seu criador. Porém, dependência criatutal não significa subordinação irrestrita em relação ao seu criador. A criatura goza de uma autonomia e liberdade, podendo se posicionar contra o criador, ou até mesmo se colocando como o tal. O humano possui condição dada por Deus, de ser livre e autônomo, podendo então desobedecer o mandamento do criador, por isso, verifica-se que essa dependência do ser humano em relação a Deus não é alienante (Oliveira, 2013). Existe uma necessidade humana de refletir sobre o contato direto com este, adotando-o como uso e forma de estar e posicionar-se no mundo, a fim de alcançar um amadurecimento para além da humanidade. Todavia, é impossível amadurecer na transcendência e no conhecimento de Deus, sem ter acesso a testemunhos sobre ele, histórias e estados emocionais do mesmo. (Massih, 2017).

> [...] o ser humano vive em múltiplos mundos sociais, habitados por outros. tanto reais quanto imaginários, pessoas conhecidas seja do passado, seja das histórias pelas quais se vive. Se a pessoa é religiosa ou, ao menos familiarizada com algum tipo de religião, pode travar relacionamentos com deuses, espíritos, autoridades religiosas e pode conduzir um diálogo com estas entidades que passam a fazer parte de uma construção narrativa do mundo. (Belzen, 2010, p. 268 apud Massih, 2017, p.114).

A construção da imagem de um Deus para sociedade, baseada na mitologia judaico-cristã, presente a milhões de anos, não somente antecede a representação de uma cultura ou religião própria de um pais ou região, porém, uma necessidade idealizada pelo ser humano, tendo em vista suas limitações diante do improvável, ou seja, de suas realizações frente os desejos "impossíveis", coexistindo a esta frustração, as leis, que o colocam num lugar de sofrimento, só restando a este humano, recorrer a Deus, pois só ele pode todas as coisas e está acima das leis. Não está numa dimensão do existir humano, mas sim, divino. Os deuses não possuem a finalidade de tomar partidos em religiões humanas, isso não compõem o seu ser, as religiões que se apropriam deste, como um objeto fortalecedor de sua fé, a fim de mantê-los motivados, esperançosos, e minimamente bem, diante de um mundo difícil de viver.

Deus, o criador, alerta desde muito cedo, sobre o espaço do homem e ate onde ele pode ir. É um sujeito livre, mas existem formas de controle, como visto, a lei pautada nos dizeres de Deus "não coma a fruta dessa arvore". A figura de Deus quanto um criador, possui papel representativo de um pai que repreende o filho, quando esse se mantem de maneira inadequada. As experiências com Deus passa pela história de vida em que há momentos de aproximação amorosa e outros de atrofia e paradas. Deus expressa a ideia de um pai que cuida. Porém, não pode se confundir com esta ideia. Deus é Outro por sua própria natureza. Padre jesuíta belga, questiona-se como um Deus construído pelo meio externo (família, comunidade, figuras de autoridade) se transforma no Deus de nossa singularidade de nossa condição de transcendência. (Massih, 2017)

Quando se questiona a variados sujeitos, sobre a sua representação de Deus, estes vão relatar variadas e diferentes experiências e atributos deste, mesmo se tratando do mesmo Deus, então podemos dizer que de certa forma, o homem criou Deus sua imagem e semelhança. Isso por que cada sujeito vai ter uma percepção singular do fenômeno que se apresenta. Independente da mitologia que se pretende explorar, a figura de um Deus, seja qual ele for será percebida de uma maneira única, por cada sujeito, além disso, os deuses diferem nos seus papeis, como por exemplo, Poseidon é o Deus dos mares, já Hades é o Deus do submundo, ambos compõem a mesma cultura, mas mostram papeis e funções diferentes. Porém existem traços de personalidade próprios de um Deus como: onipotência, sabedoria, salvação para humanidade, o juiz, o criador, dentre outros atributos. Atualmente muitos desses atributos, estão presentes de exacerbadamente como parte

integrante dos seres humanos nos dias atuais, configurando-se numa expressão sintomática patológica, produzindo um quadro chamado síndrome de Deus. Esta síndrome configura-se como uma desordem da personalidade, sendo caracterizada por sentimentos de grandeza e superioridade, fazendo com haja uma distorção da realidade, decorrente de como se posiciona o ego para com as exigências do id (principio do prazer) e superego (exigências sociais).

2.2 Síndrome de Deus: uma expressão da personalidade perversa.

Existe uma clara diferença, em se posicionar contra o criador, e posicionar-se como o criador. O primeiro envolve primordialmente o conceito de transgressão, como tido em algumas religiões, o pecado. Restringe-se a renegar em um momento, ou por toda a vida, a experiência com Deus, que é norteada pelos seus mandamentos e sua lei, ou seja, o ser humano é livre e autônomo, mas deve ser consciente que suas transgressões podem lhe trazer consequências. O segundo, posicionar-se como o criador, envolve fortemente o conceito de transcendência e trangressão, onde a criatura (o homem) coloca-se como sujeito para além de Deus, incorporando a personalidade do criador, e tornando-se, agindo e exigindo ser tratado como tal, pois já que o ser humano foi criado imagem e semelhança de Deus, ao mesmo tempo rejeitando seus mandamentos (ordem), vindo a transgredi-las, estabelecendo uma nova ordem. Logo o sujeito torna-se um Deus, ou em algum momento esta versão vai ser mostrada por algum motivo.

Na imagem de Deus quanto representação, há um duplo pulo ou ponte: pois os humanos não tem acesso ao objeto. O objeto se mostra no vivido e se apresenta de modo analógico ou simbólico. Pode-se pensar que o que faz transformar o ser que entra em contato com a divindade é o estagio de realidade que a experiência proporciona. Nada é tão real, quanto a vivência irreal ou irrealista de acreditar em algo ou alguém, que não se apresenta como matéria (Massih, 2017).

Embora o sujeito nessa condição literalmente incorpore a imagem de Deus, no ponto de vista simbólico, muito falta para exercer a plenitude dessa função. Isso por quê o ser humano não é suficiente para introjetar a estrutura da personalidade de Deus, pois esta possue muitos adjetivos que estão inacessíveis a condição humana, como por exemplo a onipotência. O ser humano se mostra onipotente, mas não tem poder para fazê-lo. O que lhe mantem de pé, exercendo sua falsa plenitude, é a admiração dos seus servos, a final não existe um Deus, sem servos, juntamente com sua transcendência, incorporando uma nova ordem, a fim de atingir o gozo incessável. Vale ressaltar que todo esse processo de construção da imagem de Deus no sujeito, ocorre de maneira inconsciente, onde dai vemos fortemente, a corrente psicanalista, que claramente vai nomear os sujeitos com esse perfil de perversos, no sentido de uma expressão sintomática de colocar-se no mundo.

Frequentemente na sociedade é visto uma associação entre perversão e perversidade. A gênese do termo deixa espaços para essa associação, pois deriva do verbo latino *pervertere*, que se

resume à ideia de "pôr de lado", ou "pôr-se à parte", "ato ou efeito de perverter (-se), ou seja, corrupção, depravação, desvio da normalidade de instinto ou de julgamento, e devido a distúrbio psíquico." Esse conceito apresenta a perversão numa essência moral e ética, onde reduz-se a seriedade com que o assunto merece ser compreendido. Assim, a palavra perversão para nomear um desvio sexual, expressa um sentido pejorativo, construído de "pré-conceitos". Vale ressaltar, que antes da psicanálise, a sexualidade restringia-se ao conjunto dos atos ligados à relação sexual, e em especial à reprodução. Freud, quebra esse paradigma, trazendo uma nova concepção a esse termo, ao dizer que todos os movimentos vitais tanto tendem à conservação do indivíduo, como comportam uma quantidade de satisfação erótica ou negação dessa forma de prazer. Existe libido investida em todas as formas de manifestações psíquicas, de uma forma ou de outra (Ferreira & Meneses, 2011).

A criança, especialmente na primeira infância, coloca-se em sua coleção de reflexos, como sendo o único objeto desejante da mãe. A criança exerce uma reciprocidade grande para com seus cuidados maternos. A mãe é a detentora do poder, capaz de suprir todas as carências do infanto. Neste contexto, o gozo, na maioria das vezes, é propiciado de forma natural e intensa. Ele unifica, além de necessidades orgânicas, um prazer determinante em relações de afeto. De forma tão sobressalente, a mãe vem ocupar o lugar do Outro simbólico na estrutura psíquica da criança, que já reconhece o poder de gozo e a onipotência da mãe. Assim, o desejo da criança será então o desejo do Outro. O Outro, aqui representado pela mãe, é o autor desse desejo infantil, e quando a criança se percebe desse fato, além de visualizar que a mãe possui outro desejo, que não mais comtempla a sua vontade, entrando em grande conflito de identidade, visto que agora a figura paterna é o alvo da mãe. É nesse tocante que se avaliam as frustrações e angústias da criança, que pode então procurar novas formas de desejo do Outro, vivenciando então a castração. O pai simbólico é um rival, e isso pode representar uma intensa perturbação no filho que precisa da mãe para resignificar seus objetos de desejo (Ferreira & Meneses, 2011).

Diante da comparação entre a neurose e a perversão, assume-se as divergências entre as duas estruturas como processos diferenciados de construção psíquica. É identificado, que enquanto os neuróticos funcionam psiquicamente regulando o ego às exigências do meio externo, recalcando conteúdos conflitantes e angustiantes, no psicótico, o ego fica sujeito ao id, apropriando-se de uma realidade substituta, onde ocorreriam as alucinações e os delírios. Na perversão, o desejo apresenta-se como ato de gozo, onde é praticado geralmente como vitorioso, desprovido de culpa. O perverso possui a consciência sobre o seu querer, enquanto o neurótico reprime esse desejo. Na perversão, surge uma nova formatação de estrutura psíquica, diferente dos neuróticos e psicóticos. No perverso, o ego negocia suas exigências com os desejos do id e com a realidade, eles colocam em prática aquilo que os neuróticos não têm coragem de manifestar, inclusive, estes reprimem, recalcam muitos dos atos dos perversos, ou seja, na perversão é possível ao mesmo tempo, as exigências do id e as da realidade, sem que uma exclua ou interfira na outra. Não existe o

recalcamento dos desejos, como na neurose, ou rejeição da realidade, como na psicose (Ferreira & Meneses, 2011).

Ainda no viés da personalidade perversa, a síndrome de Deus, caracteriza-se como uma ilusão psicológica, onde está caracterizada por uma desordem da personalidade, que encarrega-se de alterar os processos cognitivos como percepção, consciência, emoções, motivações, dentre outros, fazendo com que o sujeito ao se posicionar sobre o mundo, o interprete como algo submisso a ele, longe de alcança-lo, se colocando como exceção as demandas sociais, regras e controles que a sociedade exige, pois este se coloca inconscientemente como um ser divino, capaz de alcançar tudo que identifica como prazeroso, sem que se mostre angustiado com isso. Essa síndrome geralmente acomete aqueles com grande poder de manipulação e controle, que se colocam como incapazes de cometer erros. Existem profissionais que possuem maiores suscetibilidades para o desenvolvimento desta, como: médicos, juízes, celebridades, burocratas e políticos. Alguns sintomas típicos são: arrogância excessiva, juízo critico exacerbado, intolerância a criticas (afinal, Deus não precisa ser questionado), grande necessidade de influenciar (status), adicto ao poder (não se submetem ao controle).

Pode-se verificar que este perfil não esta estritamente vinculado ou desenvolvido em âmbitos religiosos, porém, em varias situações cotidianas. Todos nós temos um pouco desses sintomas, ou um sintoma, que particularmente foi potencializado. Porém, uma das principais características que verifica-se nestes sujeitos, decorrente da alteração dos processos cognitivos, são as distorções e rupturas do principio de realidade (superego) com o id (principio do prazer). Com isso, as normas sociais e as leis, perdem o efeito, e deixam de fazer sentido, pois afinal a lei (mandamentos) esta pautada nos princípios de Deus que vive em pró do principio do prazer, este que não é submisso a existência humana e sim o contrario. O sujeito colocando-se como um Deus incorporando a nova ordem (leis próprias), não significa que irá apresentar todavia comportamentos delinquentes, afinal existe o juízo critico, do que pode ser valido ou invalido para este, o que torna-se invalido não necessariamente precisa ser transgredido, más perde o seu sentido. Dessa forma, o perverso conseguiria viver aparentemente normal segundo os padrões da sociedade, ao mesmo tempo que mantem comportamentos considerados indesejáveis a norma social. Essa nova ordem posta não elimina o poder do Deus puramente original, porém constrói mutações nos laços sociais, pois este sujeito relaciona-se com outros, assim incorporando suas ideologias. “mutação do laço social supõe que passemos de um sistema a outro. Mas, mesmo que o novo sistema ainda não esteja realmente identificado, de modo algum se trata do puro e simples desaparecimento de toda ordem estabelecida” (Lebrun, 2008, p.119).

> Quando era assim agenciado, garantindo a existência de um grande Outro – no caso, Deus e seu representante -, o social transmitia a necessidade de um lugar de exceção, exterior ao conjunto, maneira de fazer aceitar a

> necessidade do menos-de-gozar necessário à humanização. Hoje, está admitido no imaginário social que esse Outro não existe, que ninguém habita o céu – o que de modo algum impede a fé, mas a relega ao domínio estritamente privado. Mas será que por isso não há mais lugar Outro, ainda que vazio? A necessária persistência do Outro como lugar que suporta a existência de qualquer um, do qual ninguém pode pretender ser o proprietário, isso é que tem a ver com transcendência imanente, com um transcendental. E que permanece um invariante da condição humana (Lebrun, 2008, p.116).

Verificando esta síndrome, logo verifica-se que está associada a um investimento de amor próprio "homens amantes de si mesmo". Os sujeito com esse perfil, podem apresentar um complexo de superioridade, decorrente da personificação do Deus encarnado, porém escondem intensos complexos de inferioridade. Essa inferioridade se instala, não em decorrência de uma angustia, pois esta se configura como um mecanismo da neurose, onde o sujeito no seu principio do prazer é frustrado pelo principio de realidade. Uma inferioridade no sentido de não atingir a plenitude do gozo, pois a imagem de Deus, como já visto é fruto de idealizações e desejos humanos, diante do improvável, pode-se mostrar como, porém, não atingir todos os atributos de Deus, pois essa é uma construção cultural. Dessa forma, esse gozo, é interrompido não pelo principio de realidade, mas pela própria condição humana, que nunca lhe permitirá atingir o gozo pleno desse papel.

METODOLOGIA

Para a realização deste referencial, utilizou-se da abordagem da pesquisa qualitativa mediante o método bibliográfico. O método bibliográfico além de possuir finalidade de apresentar-nos fontes, que existem designadas para construção de uma nova realidade relevante ao tema, pode-se descobrir se a proposta estabelecida existia ou não como referencial cientifico. Além disso, enveredou-se na pesquisa descritiva, onde esta possui como objeto primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou mesmo estabelecimento de relações entre variáveis e a natureza desta. Inúmeros são os estudos que podem ser classificados sob esse titulo e uma de suas características mais significativas esta na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (Gil, 2008). Para este fim buscou-se coletar dados levando em conta referencias em artigos, revistas eletrônicas, dissertações, como também livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo exposto pode-se evidenciar a conclusão do objetivo proposto, estabelecendo um relação logica entre a perversão e a síndrome de Deus. Vale ressaltar que o perfil desse sujeito não pode ser confundido apenas por um sintoma que se apresenta. Sabemos que muitas vezes nos colocamos como deuses, ao apresentar um juízo critico exacerbado, ou colocar-se como a única saída para determinadas situações "o salvador". Porém, o que objetivou-se no estudo, foi destacar esse perfil sindrômico, levando em consideração a construção de uma estrutura de personalidade. Na psicanalise, para que se conduza o processo terapêutico é necessário previamente o analista, saber de que tipo de personalidade o sujeito esta situado, não se aborda o sintoma, isoladamente da personalidade. É perceptível que o sujeito acometido com esta síndrome não consegue alcançar o gozo total, pois sua condição humana não o permite, neste dialogo com a perversão, entra a questão, "esta personalidade é conhecida pela busca do gozo incessável, e por que essa limitação? A resposta, talvez esteja no fato de antes de qualquer personalidade sermos espécie humana, e nem tudo quanto é idealizado, significa que será alcançado. Porém, os perversos não se angustiam por isso, tentam busca o gozo pleno, na sua expressão sintomática, pois eles não vivem o principio de realidade da forma convencional, logo qualquer restrição ou limitação cultural que se oponha, perde o sentido. Poderíamos dizer que diante de tantas formas de expressão sintomática da perversão, a síndrome de Deus, é bem semelhante a neurose, no sentido de não atingir a satisfação plena do (id), e a psicose no sentido de distorcer a realidade, a partir da cognição alterada. Essa é uma das formas que se coloca aparentemente camuflada na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

Andrade, M. D. de. **Bíblia do adolescente:** aplicação pessoal. CPAD, 2014.

Ferreira, B. de. O.; Meneses, H. S. de. **Perversão à luz da psicanálise**. Psicologado, 2011. Disponível em: <https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/perversao-a-luz-da-psicanalise> Acesso em: 02 de novembro de 2017.

Freud, S. Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Gil, A.C. **Metodos e técnicas de pesquisa social**. 6° ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Lebrun, J. P. **A perversão comum:** Viver juntos sem outro. Tradução Procopio Abreu. Rio de janeiro: Campo Matêmico, 2008.

Massih, E. **A construção narrativa da representação de Deus**. REVER · Ano 17 · Nº 01 · Jan/Abr 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/32710/22604 > Acesso em: 02 de novembro de 2017.

Oliveira, R. A. de. **A antropologia da imagem de Deus:** uma aproximação bíblico teológica. INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade / Uberlândia / v. 8 n. 13 / p. 87-115 / jan./jun. 2013. Disponível em: < http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.2316-9451.2013v8n13p87/5688> Acesso em: 02 de novembro de 2017.

Rezende, G. **Mitologia & psicologia:** a importância dos mitos. 2015. Disponível em: http://mundodapsi.com/mitologia-psicologia-importancia-dos-mitos/ > Acesso em: 02 de novembro de 2017.